



**UMA CIRANDA DE VOZES FEMININAS:
RESENHA DE *TRADUÇÃO EM (ENT)*
*REVISTA: SIMONE SCHWARZ-BART E AS
TRADUTORAS BRASILEIRAS*, DE VANESSA
MASSONI DA ROCHA**

**UNE « CIRANDA » DE VOIX FÉMININES : COMPTE RENDU DE
*TRADUÇÃO EM (ENT)REVISTA : SIMONE SCHWARZ-BART E AS
TRADUTORAS BRASILEIRAS*, PAR VANESSA MASSONI DA ROCHA**

**ROCHA, V. M. DA. *TRADUÇÃO EM (ENT)REVISTA: SIMONE SCHWARZ-
BART E AS TRADUTORAS BRASILEIRAS*. RIO DE JANEIRO: EDUERJ,
2021***

Henrique Provinzano Amaral**

** henrique.provinzano.amaral@usp.br

Doutorando em Letras Estrangeiras e Tradução pela FFLCH-USP (São Paulo), sob orientação do Prof. Dr. Álvaro Faleiros. Atualmente, realiza um estágio de pesquisa na Université Sorbonne Paris Nord (França), com coorientação da Profª. Drª. Véronique Bonnet. É poeta e tradutor, tendo organizado *Estilhaços* – antologia de poesia haitiana contemporânea (Selo Demônio Negro, 2020), entre outras publicações.

* O livro pode ser baixado gratuitamente no site da EdUERJ, por meio do seguinte link: <https://eduerj.com/produto/traducao-em-entrevista-simone-schwarz-bart-e-as-tradutoras-brasileiras/>

Ainda são raras, no Brasil, as publicações que trazem à boca de cena as especificidades da atividade tradutória, tirando dos bastidores seus principais agentes, os tradutores, e os colocando na posição de entrevistados – sobretudo quando se trata de mulheres tradutoras¹. Também raros, embora em crescimento, são os trabalhos acadêmicos brasileiros dedicados às literaturas antilhanas de expressão francesa, bibliografia outrora reconhecida como francamente escassa (FIGUEIREDO, 1998, p. 11). Não deve espantar, pois, que o cruzamento dessas duas regiões da produção intelectual nacional seja marcado por uma intensa raridade. Ora, é precisamente esse espaço que deseja ocupar, de partida, o livro *Tradução em (ent)revista: Simone Schwarz-Bart e as tradutoras brasileiras* (2021), de Vanessa Massoni da Rocha, professora de Língua Francesa e de Literaturas Francófonas no Instituto de Letras da UFF.

Buscando dar visibilidade às traduções brasileiras de dois romances da escritora guadalupense Simone Schwarz-Bart (1938), publicadas numa época em que se traduziam ainda menos autores antilhanos no Brasil – *A ilha da chuva e do vento* [*Pluie et vent sur Télumée Miracle*, 1972], feita por Estela dos Santos Abreu e lançada em 1986, bem como *Joãozinho no Além* [*Ti Jean l'horizon*, 1979], de 1988, assinada por Eurídice Figueiredo –, Rocha procede a um itinerário tão incomum quanto instigante. Antes de mais

nada, propõe um bloco voltado para a autora antilhana, composto por uma “breve biografia” (p. 21-32), um “preâmbulo à entrevista com Simone Schwarz-Bart” (p. 33-37) e, por fim, a entrevista propriamente dita (p. 39-42). Mais do que trazer informações valiosas e academicamente bem fundamentadas sobre a romancista ainda pouco conhecida e estudada no país, tal estrutura cria uma espécie de jogo de palimpsestos em que, ao percurso crítico oferecido generosamente ao leitor, são acrescentadas as camadas da franca admiração e do passeio afetivo pela obra de Schwarz-Bart. “Minha história com Simone, perdoem-me o desvio biográfico, mostra-se repleta de desencontros insólitos [...]”, escreve Rocha (p. 36) para introduzir os (des)caminhos que a levaram a produzir a primeira entrevista da autora, de resto avessa aos dispositivos midiáticos, com uma interlocutora brasileira – o texto, é claro, encontra-se traduzido para o português. Vale frisar que, a despeito de seu temperamento recluso, Simone é amplamente reconhecida como uma das mais importantes romancistas caribenhas vivas, tendo escrito livros já canônicos, a exemplo de *Un plat de porc aux bananes vertes* (SCHWARZ-BART, 1967), em coautoria com seu marido André Schwarz-Bart, de quem herdou o sobrenome.

Há, nessa breve entrevista, alguns “achados”, tais como a definição, proposta por Schwarz-Bart, da tradução como

1. Cf., por exemplo, as entrevistas publicadas ao longo dos números da revista *Belas Inféris* (UnB), assim como a coleção “Palavra de Tradutor” (EdUFSC): embora muito valiosa, nota-se, nesta última, o predomínio das mulheres na posição de organizadoras dos volumes, e raramente como tradutoras entrevistadas. Agradeço a Daniel Falkemback pela lembrança desse rico material.

o ato de transplantar vegetais: “Muitas vezes é possível que uma planta seja transplantada sem que sofra dano algum. Basta, para isso, que a nova terra seja boa. Confio nas novas terras e sei que elas recebem bem minhas plantas”, diz a autora (p. 42) acerca das traduções de suas obras para outras línguas, entre elas o português brasileiro. A ideia/imagem da tradução como *transplante*, assim como do sistema literário receptor como uma terra nova e fértil, mereceria ser estudada à parte, em diálogo com certas teorias que pensam o traduzir como ocasião da mestiçagem ou, em termos mais afeitos ao Caribe, da criouliização.

Todavia, o que talvez mais chame a atenção seja o modo como vai se avolumando, ao longo das páginas e por meio da estrutura forjada por Rocha, um coro de vozes (notadamente femininas) que traz à mente a contação de histórias encarnada, de maneira paradigmática na obra de Schwarz-Bart, pelas personagens Reine Sans Nom (“Rainha sem Nome”) e Télumée Miracle (“Télumé Milagre”), de *A ilha da chuva e do vento*. Conforme escreve Rocha,

A voz feminina personifica os valores da oralidade tão caros à identidade antilhana. Ela reivindica o poder de contar, de transmitir, de reunir um público ouvinte, para, à luz das *griottes* africanas, demonstrar a pulsão de vida que advém do encontro,

da reunião, da escuta atenta e de um tecer coletivo de histórias que singularizam determinado povo, contribuindo fortemente para seu delineamento cultural e identitário. (p. 35)

Inspirada pela arte dos *griots* e *griottes* africanos, ou ainda pelos *conteurs créoles* (“contadores de histórias crioulos”) das sociedades antilhanas, essa atividade, em virtude da circularidade das trocas discursivas e de experiências que promove, tem implicações culturais e identitárias, mas também poéticas. Inscreve-se, desse modo, naquilo que o teórico e escritor martinicano Édouard Glissant intitula *poética da Relação*, constituindo, pelos próprios expedientes do retorno circular, da repetição e da redundância poeticamente motivada (GLISSANT, 2021, p. 244-245), típicos do discurso caribenho, um modo privilegiado de expressão e de pensamento.

Assim, em *Tradução em (ent)revista: Simone Schwarz-Bart e as tradutoras brasileiras*, não deve estranhar que, após o primeiro bloco já descrito aqui, suceda uma nova camada de jogos especulares e palimpsestos. No segundo bloco, temos as seções “*A ilha da chuva e do vento: notas sobre um romance canônico*”, “prólogo à entrevista com Estela dos Santos Abreu” e, *last but not least*, novamente, a entrevista. É a hora e a vez de colocar em cena a primeira das tradutoras referidas no título do livro – Estela

dos Santos Abreu, tradutora experiente e renomada, detentora de uma medalha Machado de Assis da Biblioteca Nacional. Responsável pela tradução de *A ilha da chuva e do vento*, Abreu chegou a viajar à Guadalupe para sanar dúvidas de vocabulário *in loco*, além de conviver durante certo tempo com Schwarz-Bart e com a ilha que povoa o imaginário do romance, já que, conforme aponta Rocha (2015, p. 84) num artigo dedicado a ele, “[t]rata-se de uma saga de quatro gerações de mulheres que se confunde e se imbrica à história da Guadalupe”².

Tal como no primeiro bloco, a tripartição do segundo dá vazão, num momento inicial, a comentários de natureza acadêmico-crítica sobre o romance; em seguida, traz à tona, de maneira cada vez mais direta e em linguagem narrativa, os encontros e afetos implicados na elaboração do livro: “Era a primeira vez que Estela falava de Simone, a primeira vez que mostrava a foto, e essa cumplicidade entre as duas me convencia das travessias e dos encontros que se tecem nas malhas da tradução”, escreve Rocha (p. 51-52). Por fim, na entrevista, há vários trechos notáveis, entre eles a confissão, feita por Estela dos Santos Abreu, de que, “[p]ara mim, a tradução é uma cachaça” (p. 54), e seu depoimento sobre as vicissitudes da prática tradutória:

Não há truques. Não conheço nenhum. Só conheço um procedimento: ler muito bem o texto, tentar vertê-lo o mais fielmente possível, sempre com a maior correção, com a maior leveza; tentar não desmerecer o original. Não existe isso de trair. Só não estragar o original já ajuda muito (*risos*). É um prazer traduzir. Às vezes, me acabo, porque há textos difíceis. (p. 54).

Sob o ensejo das inteligentes perguntas elaboradas pela entrevistadora, Estela dos Santos Abreu – responsável até o presente momento, registre-se de passagem, pelo maior número de traduções literárias de autores antilhanos no Brasil³ – comenta, pois, aspectos relevantes de sua prática, a exemplo dos desafios impostos pelo trabalho cotidiano com a tradução e do convívio com Paulo Rónai, que muito lhe ensinou, segundo ela (p. 58), inclusive em termos teóricos. Note-se, na citação acima, a tentativa de contornar, com bom humor e uma visão idiossincrática, uma das questões mais frequentes da bibliografia teórica sobre a tradução, a saber, o problema da fidelidade do texto traduzido para com o texto dito original.

No que tange especificamente ao romance *A ilha da chuva e do vento*, a tradutora trata, entre outros aspectos, das dificuldades relativas ao vocabulário antilhano e do recurso de sanar dúvidas com a própria autora:

2. “Il s’agit d’une saga de quatre générations de femmes qui se confond et s’imbrique à l’histoire de la Guadeloupe” (tradução minha).

3. Além do romance de Simone Schwarz-Bart, Estela dos Santos Abreu é responsável pela tradução de três livros do haitiano René Depestre: a coletânea de contos *Aleluia para uma mulher-jardim* (José Olympio, 1988), bem como os romances *Adriana em todos os meus sonhos* (Nova Fronteira, 1996) e *O pau de sebo* (Marco Zero, 1983), este último em parceria com Maria Wanda Maul de Andrade.

[Simone Schwarz-Bart] Recebeu-me muito bem, respondeu a todas as perguntas, que não foram poucas. Realmente tive muitas dúvidas ao longo da tradução. Expliquei a dificuldade em encontrar o vocabulário para coisas inexistentes no Brasil, como certos frutos, árvores, animais./ Há, por exemplo, diferentes nomenclaturas no romance para bichos que rastejam pelas paredes como se fossem lagartixas. Não são lagartixas, são espécies similares, cada uma com um nome diferente. Importantes também eram as vendedoras na rua com tabuleiros de frutas, quase todas começando pela palavra “*pomme*” – nada a ver com maçã, é claro. Foi um grande aprendizado. (p. 64)

Não satisfeita com a frequentação da paisagem gaudalupense, nem muito menos com os dicionários e obras de referência existentes à época, Abreu relata, ainda, ter ido diversas vezes ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, cidade onde reside, e ter consultado a equipe de seu setor de pesquisa. Para além das idas e vindas desse interessante processo tradutório, interessa notar o relevo que assume a dimensão vocabular, geralmente ligada a aspectos naturais, nesta e em outras traduções de obras literárias caribenhas. Tanto é que, na última entrevista do livro, Eurídice Figueiredo, tradutora de *Joãozinho no Além*, retorna à questão, evocando a dificuldade de traduzir certos nomes de árvores, de peixes, de frutas. Nesse último

caso, relembra a fruta “*prune de cythère*”: “[p]rune, como todos sabemos, é ameixa. Cythère me evocava o quadro *O embarque pour Cythère* [sic], de Watteau, de 1718. Mas uma coisa não se encaixava na outra. Eis que descubro se tratar da fruta cajá-manga. Foi uma descoberta difícil. Jamais teria pensado nisso num primeiro momento” (p. 84).

Vale lembrar que Figueiredo, professora aposentada da área de francês da UFF, tem vasta experiência com a literatura antilhana de expressão francesa, tendo-lhe dedicado numerosos artigos, ao lado do livro *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana* (1998), cujo último capítulo aborda a obra de Simone Schwarz-Bart. É de se esperar, assim, que sua entrevista alie as reminiscências já distantes do processo tradutório que resultou em *Joãozinho no Além* – Figueiredo, que não se considera tradutora e verteu para o português apenas esse romance, realizou o trabalho em meados dos anos oitenta, antes mesmo de *A ilha da chuva e do vento vir a lume* –, a reflexões de natureza teórico-crítica sobre a tradução, o fenômeno literário em geral e a literatura antilhana, em particular. Pelo contraste com a entrevista anterior, esta joga luz sobre aspectos ainda pouco ou nada explorados no volume, como a relação com certas teorias do fazer tradutório: são trazidos à tona, por exemplo, os pensamentos de Haroldo de Campos e de Antoine Berman (p. 86-88).

O mais notável, contudo, talvez seja a reflexão acerca das relações que se estabelecem, no espaço da tradução, entre certas línguas, notadamente aquelas atravessadas pelas heranças (pós-)coloniais – o português brasileiro, o francês das Antilhas, os crioulos de cada departamento ultramarino da França. Como comenta Figueiredo,

O que você nota é certa ruptura do padrão da norma francesa. Os franceses são, de certa maneira, mais rígidos do que nós que somos estrangeiros e falamos francês como língua estrangeira. [...] Acredito que a gente tenha mais abertura para este tipo de linguagem criativa ou mais povoada de neologismos. Aparentemente neologismos, mas, na verdade, adaptações do crioulo, crioulistas. O português do Brasil é muito aberto também, muito aberto para criações. Há uma flexibilidade na língua portuguesa do Brasil que faz com que a gente aceite mais esta flexibilização, digamos, do francês como ele é praticado pelos escritores antilhanos que romperam bastante com a língua padrão. (p. 90)

Compartilhado entre entrevistadora e entrevistada, o conhecimento extenso e profundo sobre a produção literária antilhana também permite a avaliação, por exemplo, do interesse tradutório pela obra de Schwarz-Bart no final da década de 1980, no Brasil – algo curioso, já que mais nenhum livro da autora foi traduzido desde então, mesmo

no contexto atual de crescimento do número de traduções caribenhas no país. A impressão, demonstrada por Figueiredo (p. 85), sobre um pequeno impacto causado por *A ilha da chuva e do vento* e *Joãozinho no Além*, assim como de outras obras antilhanas aqui traduzidas, deixa entrever questões candentes para os estudos contemporâneos: a situação teria mudado desde então? Em que sentido(s)? De que maneira a tradução de obras das Antilhas francófonas é recebida no sistema literário brasileiro e em que medida interfere/poderia interferir neste?

Se, de um lado, essas questões ultrapassam a esfera de discussão de *Tradução em (ent)revista: Simone Schwarz-Bart e as tradutoras brasileiras*, de outro, elas ainda se inscrevem na ação de passar em revista a recepção crítica e tradutória de uma autora específica. Nesse sentido, o livro ganha ainda mais relevância, já que aponta para o desafio sempre renovado de compreender o estágio atual de determinada questão a partir de seu desenvolvimento progressivo – materializado, nesse caso, por um coro de vozes femininas, de diversas ocupações, regiões e gerações, o que atesta a importância de preservar a memória intelectual coletiva.

Ao mesclar entrevistas, comentários teórico-críticos e relatos subjetivos em seu livro, Vanessa Massoni da Rocha

estabelece uma forma textual capaz de colocar em cena, de maneira muito eficaz, vários e diversificados atores – ou melhor, atrizes – envolvidos no processo de recepção tradutória da obra de Simone Schwarz-Bart no Brasil. Com isso, cria uma ciranda de vozes que em certa medida faz ecoar, à força da circularidade do discurso oral e das trocas afetivas, a estrutura mesma de certos textos da autora, a exemplo do romance *A ilha da chuva e do vento*. Trata-se, assim, não somente de uma contribuição fundamental para entender a presença dessa escritora guadalupense no sistema literário brasileiro, mas também de uma importante fonte para os estudos da tradução, sobretudo aqueles que se interessam pelas trocas literárias interamericanas.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, E. **Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: EdUFF, 1998.

GLISSANT, E. **Poética da Relação**. Trad. Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

ROCHA, V. M. da. Simone Schwarz-Bart et l'écriture de la violence (post)coloniale dans le roman *Pluie et vent sur Télumée Miracle*. **Dialogues francophones**, v. 21, p. 83-96, 2015.

_____. **Tradução em (ent)revista**: Simone Schwarz-Bart e as tradutoras brasileiras. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

SCHWARZ-BART, S.; SCHWARZ-BART, A. **Un plat de porc aux bananes vertes**. Paris: Seuil, 1967.

SCHWARZ-BART, S. **Pluie et vent sur Télumée Miracle**. Paris: Éditions du Seuil, 1995 [1973].

_____. **Ti Jean l'horizon**. Paris: Éditions du Seuil, 1979.

_____. **A ilha da chuva e do vento**. Trad. Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Marco Zero, 1986.

_____. **Joãozinho no Além**. Trad. Eurídice Figueiredo. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1988.

Recebido em: 13/09/2022

Aprovado em: 07/10/2022